

APRESENTAÇÃO

Esta edição de *O que nos faz pensar* é pouco usual, como também é pouco usual a situação do mundo hoje. O dossiê especial da revista tenta responder pelo pensamento a essa situação: a pandemia de covid-19. Em poucos meses, o planeta todo viu seu ritmo alterado por causa de um vírus. Mas não apenas. Se o vírus é parte da natureza, a pandemia que ele origina tem implicações humanas, ou seja, sanitárias, políticas, sociais, tecnológicas, econômicas, psicológicas, existenciais. Em suma, a pergunta proposta no dossiê deste número, seguindo a inspiração do nome da revista, foi: o que a pandemia nos faz pensar?

Vale dizer que, desde o começo de 2020, inúmeros textos foram publicados, inclusive por filósofos, mais ou menos renomados, no mundo e no Brasil, sobre a pandemia. Parece que a pandemia do novo coronavírus se viu acompanhar por uma pandemia de textos a seu respeito. Esse excesso já foi criticado, mas ao mesmo tempo representa um salutar esforço de compreensão diante do que estamos passando. Evidentemente, a temporalidade do pensamento nem sempre é veloz como o acontecimento. Há riscos no empreendimento. Mas também há um fôlego para responder aos impasses que nossa época nos coloca.

Como editor, espero que a diversidade de abordagens dos textos que estão no dossiê seja capaz de nos ajudar a lançar alguma luz em tempos tão cheios de sombras como os de agora. Diferentes aspectos da pandemia foram tematizados por autoras e autores, aos quais agradeço a disposição de, tão prontamente, colaborar com este dossiê. Não fossem a solicitude e rapidez que tiveram, a tarefa de arregimentar esse conjunto de textos seria certamente impossível. Graças às argutas reflexões que apresentaram, poderão contribuir para o debate crítico e filosófico acerca da pandemia de covid-19 que atinge o mundo e o Brasil.

Marcia Sá Cavalcante Schuback escreveu sobre o que significa “pensar em tempos de pandemia”, destacando a situação da filosofia hoje e o modo filosófico de conceber esse hoje. Desafia-nos a ir além da filosofia como produção de diagnósticos, vaticínios e consolos. Retomando a ideia do ser no gerúndio, que tem desenvolvido há anos, observa que “estamos na hora do agora, na urgência do sendo”. E ainda nos provoca a pensar que, com o isolamento social, “somos tocados pela distância que não deixa nos tocarmos”.

Em suas “Crônicas sobre a covid 19”, Eduardo Jardim destaca dois aspectos do que estamos vivendo: a solidão pelo isolamento social, com especial atenção para a situação da velhice, e a ação sobre a natureza que estaria vinculada à origem da pandemia. Os dois aspectos são pensados a partir da filosofia de Hannah Arendt, hábil na arte das distinções conceituais. Tanto que se trata, aqui, de distinguir a solidão do isolamento e a fabricação da natureza da ação sobre ela. O cenário atual ajuda a apreender a novidade dessas distinções.

No artigo “Dialética viral”, João Pedro Cachopo faz um balanço crítico e reflexivo do debate que se formou entre os principais nomes da filosofia europeia acerca da pandemia, a partir de duas abordagens cruzadas. Numa delas, aponta o que a pandemia revelou ou explicitou, mas que já determinava a feição do mundo em que vivemos. Na outra, investiga o que se transformou a partir da pandemia em nossos modos de vida e que se constituiu como o verdadeiro acontecimento que abala o modo como entendemos o mundo.

Tito Marques Palmeiro, em “Chorar nossos mortos”, atenta para a maneira pela qual a pandemia tornou a morte mais próxima de nós, logo ela, que teria sido muito falada, mas pouco pensada em nossa tradição. No entanto, evita situá-la politicamente, antes recomendando um recolhimento, em respeito aos que se foram, e por cuidado com os que ficam e os que virão. Esse decoro seria relevante sobretudo no Brasil, sem trivializar as mortes, como as vozes de destruição têm feito. Diante do impasse político, não seria o caso de achar estratégias eficazes, e sim de estar à altura de algo mais grave, chorando os mortos deste chão.

“Por uma filosofia política do luto” é o pedido que nomeia o artigo de Carla Rodrigues, no qual a autora faz um recuo para examinar os conceitos da filósofa Judith Butler. Conjugando o direito público ao luto com a crítica à violência do Estado, arma-se a abordagem que permite entender – mediada ainda pelas categorias de biopoder em Michel Foucault, estado de exceção em Giorgio Agamben e necropolítica em Achille Mbembe – como se instituiu uma separação, nas suas palavras, “entre vidas que importam e vidas que pesam”.

O artigo subsequente, de autoria de André Duarte, dá continuidade a essa questão e tem como título “‘E daí?’ Governo da vida e produção da morte durante a pandemia no Brasil”. O autor parte de um comentário feito pelo presidente do país sobre as mortes por covid-19, no qual dizia: e daí? Reflete, assim, sobre como a pandemia explicitou mecanismos biopolíticos e neoliberais já em curso no país, mas também os deslocou dando prioridade à necropolítica, presente tanto nas ações quanto nas omissões de um governo que faz morrer e deixa morrer.

Maria Cristina Franco Ferraz, em “Pandemia pensante: notas sobre o que estamos nos tornando”, fala da atenção à vida e das possibilidades de ação na filosofia de Henri Bergson. Discute o efeito do distanciamento dos corpos e de tecnologias de comunicação sobre nós e sobre as aulas dadas nesse contexto, com o isolamento social. Por fim, aconselha, inspirada em Heinrich von Kleist, que desbloqueemos poros para nos tornamos dignos do acontecimento.

“Heidegger e o i-pad” é o título do artigo de Pedro Meira Monteiro que se debruça também sobre o impacto das tecnologias de comunicação digital sobre nossos corpos durante o distanciamento social da pandemia. Tematizando aulas remotas, o artigo discute sem preconceitos esta experiência, valendo-se de teses de Walter Benjamin. Refere-se, também, aos sentimentos de medo e angústia, na filosofia de Martin Heidegger, para frisar uma “ontologia radical do presente”.

Com um juízo mais severo sobre as telas da comunicação virtual, Debora Pazetto contribui neste dossiê com o artigo “Todas as razões para fazer uma revolução estão aí, mas os corpos estão diante das telas”, no qual debate as teses do filósofo Paul Preciado sobre a pandemia. Os dois pontos cruciais do debate são a possibilidade de burlar o Estado de vigilância e a imaginação de uma revolução.

Gustavo Silvano Batista dedica-se, em seu artigo “Entre o distanciamento físico e o *lockdown*: a solidariedade como práxis em tempos de pandemia”, a pensar a própria noção de saúde para além dos protocolos médicos. Tendo em vista o caráter prático da hermenêutica filosófica de Hans-Georg Gadamer, aponta-se a solidariedade como elemento decisivo para o sentido de comunidade.

Por fim, o dossiê conta ainda com um artigo deste editor, “O vírus e a redescoberta da natureza”. Nele, observo que a pandemia interrompeu a ilusão de domínio sobre a natureza que o antropocentrismo ocidental sustentava, pois um vírus foi capaz de parar as atividades do mundo. Isso nos força a considerar criticamente a relação com a natureza e a imprevisibilidade de agir sobre ela.

Suplementando o dossiê, publicamos aqui a tradução de um texto de Bruno Latour que, embora date de 2004, aborda uma das principais questões que se

colocaram durante a pandemia: a desconfiança em relação à ciência. Defende, ao contrário, uma redefinição dos instrumentos críticos que permitiria acrescentar realidade aos fatos, ao invés de se afastar deles. Fica aqui o agradecimento ao autor pela gentil cessão de direitos para que publicássemos seu texto.

Completam a edição, na seção *varia*, os artigos de Robson Ramos dos Reis, “Existência viva: a emergência de fenômenos não existenciais na experiência do sono sem sonho”, que explora o assunto através da filosofia de Martin Heidegger e seu pluralismo ontológico hermenêutico, defendendo que a experiência do sono sem sonho é o sentimento de estar vivo; de Jean Dyêgo Gomes Soares, intitulado “Os desvios de uma escolha original: Foucault e as políticas da filosofia”, que analisa declarações do pensador na década de 1970, para perguntar o que é a filosofia, mas não a fim de achar uma definição cabal, e sim para defender sua prática como atividade autônoma; e de Jelson R. de Oliveira, “Da história dos sentimentos morais à genealogia da moral”, que aborda a relação entre reflexão histórica e método genealógico no pensamento de Friedrich Nietzsche, interrogando qual o valor dos valores. Enfim, temos ainda a resenha de Luís Gabriel Provinciatto sobre o livro *Arte e técnica em Heidegger*, de Irene Borges-Duarte.

Boa leitura!

Pedro Duarte
Editor da revista
organizador deste número